

CARTOGRAFIA DAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES ANASTASIANAS-DOMINICANAS NO BRASIL

CARTOGRAPHY OF ANASTASIAN-DOMINICAN SCHOOL INSTITUTIONS IN BRAZIL

César Evangelista Fernandes Bressanin 1
Maria Zeneide Carneiro Magalhães de Almeida 2

Resumo: Este artigo é um desdobramento das investigações e estudos sobre a educação anastásiana-dominicana no Brasil, e tem por objetivo compreender o processo de implantação e expansão das instituições escolares da Congregação das Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils em terras brasileiras. De cunho bibliográfico e documental, e de caráter qualitativo, o corpus deste trabalho pauta-se nos pressupostos teóricos e metodológicos da História Cultural. Configura-se um trabalho de pesquisa em História da Educação que versa sobre a História das Instituições Escolares. Buscou-se mapear o itinerário histórico das instituições anastásianas-dominicanas no Brasil, à luz das fontes encontradas, catalogadas e analisadas. A pesquisa apresentada não é um ponto final, pois inúmeras outras análises podem ser realizadas futuramente.

Palavras-chave: Educação Anastásiana-Dominicana. Instituições Escolares. Brasil.

Abstract: This article is a development of investigations and studies on anastasian-dominican education in Brazil and aims to understand the process of implementation and expansion of the school institutions of the Congregation of the Dominican Sisters of Our Lady of the Rosary of Monteils, in brazilian lands. Of a bibliographic and documentary nature, and of a qualitative nature, the corpus of this work is based on the theoretical and methodological assumptions of Cultural History. A research work in History of Education is set up and deals with the History of School Institutions. We sought to map the historical itinerary of anastasian-dominican institutions in Brazil, in light of the sources found, cataloged and analyzed. The research presented is not an end point, as countless other analyzes can be carried out in the future.

Keywords: Anastasian-Dominican Education. School Institutions. Brazil.

-
- 1 Doutor em Educação (PUC-GO). Docente do Programa de Pós-graduação em História das Populações Amazônicas (PPGHISPAM – UFT). Técnico em Assuntos Educacionais na UFT. Porto Nacional, Tocantins. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4737722834785056>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1221-2353>. E-mail: kaeserevangelista@gmail.com
 - 2 Doutora em História (UNB). Docente dos Programas de Pós-graduação em Educação e em História (PPGE e PPGH – PUC-GO). Goiânia, Goiás. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5736362178244406>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2220-9932>. E-mail: zeneide.cma@gmail.com

Introdução

Este artigo, fruto de pesquisas desenvolvidas desde 2018, constitui um desdobramento das investigações e estudos sobre a educação anastasiona-dominicana¹ no Brasil. Objetiva compreender o processo de implantação e expansão das instituições escolares da Congregação das Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils em terras brasileiras.

Configura-se um trabalho de pesquisa em História da Educação (Gatti Júnior, 2002; Cardoso, 2011) e expressa a luta contínua do historiador que é contra o esquecimento. Versa sobre História das Instituições Escolares, seara relevante dentro da História da Educação e que tem se constituído proeminente, visto que “é um dos que mais cresceu na última década no Brasil, diversificando e enriquecendo os aportes teóricos, os objetos produzidos, [...]” (Faria Filho, 2003, p. 91).

De cunho bibliográfico e documental, e de caráter qualitativo, o *corpus* deste trabalho pauta-se nos pressupostos teóricos e metodológicos da História Cultural (Chartier, 1990; Fonseca, 2008; Pesavento, 2008), abordagem historiográfica relevante para as pesquisas em História da Educação e que tem refinado o diálogo com o campo das Instituições Escolares.

Assim, nesta pesquisa, buscou-se mapear o itinerário histórico das instituições anastasionas-dominicanas no Brasil, à luz das fontes encontradas para a tessitura deste texto.

Para início de conversa

Dom Cláudio José Gonçalves Ponce de Leão, ao assumir seu episcopado na Diocese de Goiás no ano de 1881, ciente das benesses de que essa circunscrição eclesiástica necessitava, e alinhado ao projeto romanizador² católico do final do século XIX, planejou o pedido de uma missão religiosa para sua imensa diocese³. Conhecedor da Ordem Dominicana e do projeto da província de Toulouse em instalar-se no Brasil anos antes, não titubeou em escrever à província do sul da França e solicitar missionários dominicanos para atuar em Goiás.

O provincial de Toulouse à época era o Frei Jacinto Cormier que, em 27 de agosto de 1881, comunicou a Dom Cláudio a decisão positiva do Conselho Provincial em enviar para o Brasil, especificamente para a Diocese de Goiás, três religiosos dominicanos para a missão em meio ao sertão. Nesse mesmo ano, em 31 de outubro, chegaram em Uberaba, após dias navegando pelo Oceano, alguns outros dias no trem do Rio de Janeiro ao interior de São Paulo e, no lombo de cavalos, ao longo de algumas semanas.

Instalados em Uberaba, os frades dominicanos franceses logo receberam reforços, para que o trabalho de catequese, de missões populares e de desobrigas continuasse na cidade e na região. Em 1882, outros seis frades chegaram à Uberaba e, do nascente núcleo missionário dominicano, irradiou-se pela Diocese de Goiás e por outras localidades do Brasil, o projeto missionário e educacional dominicano (Santos, 1996).

1 O termo anastasiona-dominicana relaciona-se aos nomes da fundadora e do patrono espiritual da Congregação das Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils. No ano de 1850, em Bor, no sul da França, Madre Anastasie (de onde origina o termo anastasiona) fundou a Congregação e, em 1875, foi incorporada à Ordem dos Pregadores ou Ordem Dominicana (de onde origina o termo dominicana), fundada por Domingos de Gusmão, em 1216, em Tolouse, no sul da França.

2 O conceito de “romanização” consiste em: 1) a afirmação de uma autoridade de uma Igreja institucional e hierárquica (episcopal), estendendo-se sobre todas as variações populares do catolicismo folk; 2) o levante reformista, em meados do século XIX, por parte dos bispos, para controlar a doutrina, a fé, as instituições e a educação do clero e do laicato; 3) a dependência cada vez maior, por parte da Igreja brasileira, de padres estrangeiros (europeus) principalmente ordens e das congregações missionárias, para realizar “a transição do catolicismo tradicional e colonial ao catolicismo universalista, com absoluta rigidez doutrinária e moral”; 4) a busca destes objetivos, independentemente ou mesmo contra os interesses políticos locais. A essas dimensões do processo de “romanização”, importa acrescentar um quinto item: 5) a integração sistemática da Igreja brasileira, no plano quer institucional quer ideológico, nas estruturas altamente centralizadas da Igreja Católica Romana, dirigida de Roma (Aquino, 2012, p. 4).

3 A extensão territorial da Diocese de Goiás, desde sua criação, em 1745, até 1907, quando dela desmembrou-se a Diocese de Uberaba, era composta de todo o atual estado de Goiás, do atual estado do Tocantins e do Triângulo Mineiro.

Em 1883, a pedido de Dom Cláudio, os frades dominicanos instalaram-se na capital da província e sede da Diocese de Goiás, que “se encontrava numa região mais próxima aos Índios que viviam ao longo dos rios Araguaia e Tocantins. De fato, o objetivo primeiro da missão tolosana era a evangelização dos Índios” (Foralosso, 2018, p. 381-382).

Com os frades dominicanos da Província de Toulouse instalados no Brasil, Dom Cláudio Gonçalves Ponce de Leão necessitava de mais gente empenhada na implantação de seu empreendimento evangelizador na vasta Diocese. Foi quando, em parceria com os frades dominicanos, encaminhou para a superiora geral da Congregação de Madre Anastasie, as Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils, no ano de 1884, uma carta pedindo à Madre Maria Dosithée “algumas irmãs destacadas para a diocese” (Coleção Memória Dominicana, 2008, p. 859). Os religiosos dominicanos também ansiavam pela vinda das irmãs para o Brasil para que o trabalho missionário se completasse.

Fortes e muito vivos eram os laços fraternais que ligavam os frades de Tolosa com a emergente Congregação de Monteils, desde os tempos de Madre Anastasie, cujos laços se prendiam pelo aconselhamento espiritual às religiosas e orientações jurídicas dos cânones da Igreja, na fundamentação das Constituições e regras de vida da Congregação (Coleção Memória Dominicana, 2008, p. 859).

Com o empenho dos frades que estavam no Brasil e com a influência do frei Jacinto Cormier, provincial dos Dominicanos de Toulouse na França, Madre Maria Dosithée e seu conselho provincial, conscientes “de que havia na Congregação, religiosas de boa formação, desejosas de se tornarem missionárias [...] acolheram o apelo da Igreja e da Ordem” (Manna, 2020, p. 24) e tomaram a decisão positiva de “espalhar o trigo”⁴ para além-Atlântico, no planalto central brasileiro. Teve início uma saga missionária educacional no Brasil que perdura por quase 140 anos.

A aceitação de abrir uma frente missionária educativa no Brasil, por parte da Congregação de Monteils, fundamenta-se, também, no contexto político vivido pela França do final do século XIX: a onda anticlerical que já havia motivado os frades dominicanos de Toulouse a virem para o Brasil, a perseguição às diversas congregações religiosas dedicadas à educação e a reforma do ensino empreendida por Jules Ferry durante a Terceira República Francesa (1870-1940), especificamente a partir de 1879 e que “[...] defendia que um Estado laico não pode aceitar que a igreja conduza uma parte da educação das meninas e moças, ao considerar a escola como um suporte para a afirmação durável do espírito republicano laico e também como um meio para a promoção social [...]” (Garcia, 2008, p. 2). Tais reformas impuseram à Congregação a necessidade de obter autorização do Ministério de Cultos e Ensino francês para funcionamento de suas escolas, além da obrigatoriedade e da laicidade na educação primária (Leonardi, 2010).

O primeiro grupo de religiosas anastasianas-dominicanas francesas destacado para a fundação da missão brasileira era composto de seis Irmãs: Maria José Aubeleau, Maria Otávia Panis, Maria Reginaldo Rech, Maria Eleonor Cazes, Maria Hildegarda Gaillard e Maria Juliana Mailhes. Foram conduzidas pela superiora, Madre Maria Dosithée, até o porto de Bordeaux, passando por Toulouse, onde pediram a benção do provincial dominicano, e por Lourdes, para confiar a longa e temida viagem, bem como a missão brasileira à Virgem Maria (Manna, 2020). De Bordeaux, “rumaram para Portugal, Benfca, arredores de Lisboa, permanecendo três meses hospedadas com as dominicanas de Santa Catarina de Sena a fim de aprenderem, possivelmente, a língua portuguesa” (Coleção Memória Dominicana, 2008, p. 860).

Aprendido o português, razoavelmente, no dia 5 de maio de 1885, as seis religiosas embarcaram para o Brasil, a bordo do vapor Congo, numa viagem que durou 23 dias. A jornada começou em Lisboa, fez-se escala em Dakar e chegou ao Rio de Janeiro em 28 de maio. Na capital do Império, foram acolhidas pelas irmãs de São Vicente de Paula, que lhes proporcionaram alguns dias de repouso e de conhecimento dos costumes brasileiros. Na manhã do dia 1º de junho, dirigiram-se para São Paulo pela estrada de ferro. Na capital paulista, foram recebidas pelas Irmãs de São José.

4 Referência a um pensamento de São Domingos de Gusmão, fundador da Ordem Dominicana em 1216: “O grão amontoado apodrece; espalhado, frutifica”.

Dali, partiram pela ferrovia, por dois longos dias, até Ribeirão Preto, onde as esperava o Frei Lacoste, o companheiro da viagem até Uberaba, onde se instalaram (Manna, 2020).

Para evitar que viajassem a cavalo, o Padre Lacoste conseguiu uma velha ambulância (“carro de boi”) recuperada da Guerra do Paraguai, puxada por cinco pares de bois. O padre as seguiu, a cavalo... Era a missão se expandindo para terras estrangeiras. Daí em diante, até Uberaba, era o sertão mesmo. Viajaram durante oito dias, naquele carro/ambulância, guiados por homens fortes e experientes e uma senhora que servia como intérprete. Enfrentaram calor, poeira e, sobretudo, a falta de conforto [...] As Irmãs se encantavam com a beleza da natureza, o verde da mata, as flores (Manna, 2020, p. 33).

De certo, uma viagem que ficou marcada na vida destas seis religiosas. Oito dias pelo sertão, vivenciando grandes faltas, como a do pão, tão comum na França, de uma cama à hora de dormir ou de um clima europeu, diferente do tropical brasileiro. No entanto, fazendo novas experiências com a farinha de mandioca, o feijão, o arroz e a carne seca, com a rede do sertanejo e com o calor extenuante.

As primeiras educadoras anastasianas-dominicanas, sob a coordenação da Madre Maria José, empossada no cargo de superiora ainda na França, chegaram em Uberaba no dia 15 de junho de 1885. Foram recebidas com “banda de música, foguetes e discursos”. Estavam à espera da comitiva, o bispo Dom Cláudio, os padres dominicanos e uma multidão que se aglomerava para ver as freiras francesas professoras (Manna, 2020).

Destinadas a sertanejar, juntamente com os frades dominicanos, a Congregação das Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils foi um sustentáculo para a Missão Dominicana no Brasil. Esteve lado a lado com os frades, quer na missão junto aos índios, quer na missão entre os sertanejos do norte brasileiro. Fundaram suas comunidades religiosas nos mesmos lugares que seus irmãos dominicanos. O historiador eclesiástico Cônego Trindade afirmou que “[...] onde ia o escapulário do padre dominicano, logo em seguida, em se completando, lá vinha o hábito da irmã religiosa dominicana” (Silva, 2006, p. 420). Riolando Azzi afirmou que a chegada e a instalação dos religiosos dominicanos no Brasil abriram caminhos “para a vinda das Irmãs Dominicanas do SS. Rosário, cuja atividade principal foi a educação da juventude” (Azzi, 1996, p. 24).

Seguindo o itinerário dos padres dominicanos, a causa e o sentido das fundações da Congregação eram a educação, que se concretizou na criação de um colégio em Uberaba, em meio a tempos de “incertezas, hesitações e provações” (Coleção Memória Dominicana, 2008, p. 862). Foram diversas as instituições educativas criadas e lideradas pelas religiosas ao longo da existência em terras brasileiras. O primeiro campo de atuação foi o sertão, no território da vasta Diocese de Goiás.

As primeiras instituições educativas anastasianas-dominicanas no Brasil

Seguindo a tradição da congregação, as primeiras instituições educativas anastasianas no Brasil configuraram-se como internatos e externatos para o sexo feminino. Diante da precariedade da educação para meninas no Brasil do final do século XIX, a educação anastasiana-dominicana tornou-se uma expressiva alternativa para as famílias católicas e abastadas - das cidades que tiveram os colégios implantados - que projetavam uma formação mais arrojada para suas filhas.

Apesar do internato não ser gratuito encontram-se registros de que “as freiras aceitavam quaisquer bens que fossem úteis no internato como, por exemplo, gêneros alimentícios” (Oliveira, 2010, p. 75), o que facilitava para as meninas mais carentes estudarem. Outra modalidade que propiciava as meninas pobres a matricularem-se nos colégios anastasianos-dominicanos era a das “martinhas” que estudavam num período e no outro dedicavam-se à limpeza do prédio, a ajudar na cozinha ou a lavar roupas. Elas não desfrutavam de todo o currículo oferecido pela proposta educativa das religiosas, mas tinham a oportunidade de estudarem apesar de viverem numa

sociedade em que a rígida hierarquia social existente preconizava a escola para os ricos (Melo, 2002; Dourado 2010; Camargo, 2014).

A educação anastasiânica-dominicana, a partir de suas instituições escolares, formou muitas gerações no Brasil. Podemos inferir que ela também atendia às expectativas de um projeto civilizador⁵ inserido no espírito ultramontano e reformador da missão católica no Brasil no contexto do final do século XIX e início do século XX.

Essa ideia de uma educação civilizatória permeou a prática da educação anastasiânica-dominicana no Brasil não só na perspectiva da educação dos indígenas, como no caso dos colégios em Conceição do Araguaia (PA) e Porto Nacional (TO), mas estava presente no cotidiano de suas escolas, especialmente as fundadas em regiões interioranas e sertanejas, em que a ação educativa das religiosas ultrapassava o currículo básico e diversificado e alcançava a introdução de novos hábitos por meio de aulas de etiqueta ‘à francesa’ e inserção de costumes, como os alimentares de consumir verduras, o de se vestir e de falar (Oliveira, 2010).

Esse caráter civilizador evidenciava-se nos grandes propósitos educativos e de moral para toda a sociedade brasileira em que a educação anastasiânica-dominicana se inseriu, especialmente na formação feminina que se destinava ao constructo de um paradigma de mulher educada, polida e cristã convicta. Sabe-se que a sociedade patriarcal do final do século XIX e dos primórdios republicanos, de uma maneira geral, almejava um tipo de ensino como o oferecido.

Muitas moças foram formadas nas escolas anastasiânicas para as diversas ocupações na sociedade, entre elas, para o exercício do magistério como professoras normalistas, pois os colégios anastasiânicos-dominicanos foram equiparados à Escola Normal. Um exemplo foi o colégio Sagrado Coração de Jesus em Porto Nacional que acolheu meninas do antigo norte de Goiás, do oeste da Bahia, do sul do Maranhão, do Pará e do Piauí, para ali se formarem professoras e retornarem para suas localidades como normalistas (Dourado, 2010).

A educação anastasiânica-dominicana, em seus primórdios no Brasil, preparou mulheres cultas para os diversos setores da sociedade. Apesar de viverem sob a tutela do espírito da submissão, eram preparadas para se fazerem sábias, na condição de futuras donas de casa e mães de família, como a sociedade patriarcal exigia, ou no exercício de alguma profissão que a elas o patriarcado permitia, como o ofício do magistério.

De tal modo, no contexto do final do século XIX e primeiras décadas do século XX, no Brasil, o conceito de educação anastasiânica-dominicana era de uma educação de excelência, voltada para a realidade em que estava inserida, pautada no estudar e no ensinar (“contemplar e transmitir o fruto da contemplação”⁶), com um currículo diversificado⁷ e preocupada com a formação integral das moças, de maneira especial, com a questão da civilidade, da moral e da formação religiosa católica.

A inserção da Congregação das Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils e suas instituições educacionais no Brasil, primeiramente no território sertanejo da Diocese de Goiás, contribuiu, a partir do ano de 1900, para colocar em prática as prerrogativas do Concílio Plenário Latino Americano, realizado em 1899, assumidas pelo episcopado brasileiro em guiar e conduzir a mocidade a partir das escolas católicas, conseqüentemente, a manutenção da autoridade sobre os fiéis (Leonardi; Bittencourt, 2016).

Como um ato de missão, as religiosas anastasiânicas-dominicanas ensinavam o previsto no currículo conforme ordenava a legislação educacional brasileira, implementavam a filosofia da Congregação de Anastasie, pautada na educação integral e modificadora de realidades, e buscavam

5 A ideia de projeto civilizador está em consonância com o pensamento do sociólogo Norbert Elias que vislumbra em sua obra que o processo civilizador constitui uma mudança em longo prazo na conduta e nos sentimentos humanos rumo a uma direção muito específica (Elias, 1994).

6 Clássico pensamento do dominicano Tomás de Aquino: *contemplata aliis tradere*, que significa contemplar e dar aos outros os frutos da contemplação. Mesmo que Tomás defendesse a superioridade da vida contemplativa sobre a vida ativa, ele reconhece que “as obrigações do amor cristão muitas vezes tornam necessário e mais meritório dedicar-se à ação do que permanecer na contemplação”. Ele não desconsidera a vida ativa, que em casos concretos pode mesmo prevalecer (McGinn, 2022, p. 30).

7 “[...] o trabalho pedagógico desenvolvido pelas religiosas francesas visava uma educação centrada nos princípios morais, na disciplina, na formação religiosa, social e intelectual das moças [...]. Um dos aspectos relevantes da pedagogia dominicana foi a ênfase na cultura, principalmente, nas artes manuais, no desenho, na culinária, na música, no estudo de línguas, em relevo o domínio do francês e no desenvolvimento da linguagem verbal” (Dourado, 2010, p. 135).

defender e disseminar a doutrina, a moral, os princípios e os dogmas católicos em seus colégios e, a partir do ensino religioso, nas instituições públicas onde atuavam como professoras.

O Colégio Nossa Senhora das Dores de Uberaba-MG foi a primeira instituição escolar criada pelas Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils no Brasil. Suas atividades começaram bem tímidas em 1885, assim que as irmãs chegaram na cidade. No princípio, eram seis religiosas educadoras e seis alunas, duas internas e quatro externas. “A Congregação das Irmãs Dominicanas foi pioneira quanto à implantação de colégios no interior do triângulo mineiro” (Melo, 2002, p. 45). Ano após ano, o número de alunas foi crescendo. Logo no primeiro ano, o Colégio atraiu mais de uma centena de alunas e chegou ao número de quase 250 em 1895 (Lopes, 1986). A oferta de uma educação feminina assumida pela congregação no Colégio Nossa Senhora das Dores era permeada de “práticas e processos nos quais a sociedade pôde cumprir seus anseios, moldando, dentro dos padrões conservadores, a formação de uma mulher preparada para as doçuras do lar e da maternidade” (Melo, 2002, p. 79), conforme os padrões sociais vigentes na época. A educação somente para meninas perdurou no Colégio Nossa Senhora das Dores de Uberaba até meados da década de 1950.

O Colégio Nossa Senhora das Dores cresceu e mantém-se em funcionamento até os dias atuais com diferentes modalidades de ensino desde meados do século XX e é tido como um “centro de radiação e referência” para toda a Congregação de Monteils e para a educação dominicana-anastasiona no Brasil (Congregação das Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils, 2016, p. 36).

De Uberaba, alinhadas ao espírito reformista de Dom Cláudio José Gonçalves Ponce de Leão (1881-1891), bispo de Goiás, a Congregação das Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils ampliou suas ações educacionais e passaram a atuar na capital de Goiás.

Havia quatro anos que estava funcionando o Colégio Nossa Senhora das Dores, em via de muita prosperidade, quando o bispo Dom Claudio desejando ver a sede de seu bispado dotada de um estabelecimento dessa ordem, convidou as irmãs para abrirem na capital goiana um colégio; e o mesmo bispo providenciou e facilitou todos os meios que abreviassem a desejada realização, de modo que a 5 de setembro de 1889 chegava lá a primeira turma de missionárias, dando-se logo à atividade dos preparativos de primeira necessidade para a inauguração do Colégio Santana. Acolhidas pelo bispo e pelo povo que lhes fizeram festiva recepção e lhes proporcionaram solícitamente todos os recursos possíveis e de emergência, puderam as religiosas, sem maiores delongas, montar a sua residência e abrir as suas escolas para as meninas e jovens da sociedade goiana, como também coube, na possibilidade das circunstâncias de matricular na seção competente um bom número de meninas pobres. À medida que se desenvolvia o incipiente educandário, instalado a princípio na própria residência episcopal, cedida generosamente pelo apostólico bispo diocesano, vinham vindo novas turmas de irmãs professoras para assumirem os postos de ocupações que progressivamente se multiplicavam (Azzi, 1996, p. 18-19).

Sete religiosas fundaram o Colégio Sant’Anna em Goiás. Irmã Otávia, designada superiora da missão, Irmã Estefânea, Irmã Catarina, Irmã Antonieta, Irmã Isabel, Irmã Verônica e Irmã Rosa Santana que contando com ajuda de algumas senhoras da sociedade goiana levantaram fundos para o início das atividades escolares e acolhimento das primeiras meninas que trilharam o itinerário da educação anastasiona-dominicana na antiga capital goiana (Bretas, 1991).

De sua fundação em 1889 até o ano de 2014, quando deu-se o encerramento definitivo das atividades escolares do Colégio Sant’Anna, a instituição escolar, sempre dirigida pela Congregação das Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils, coordenada num primeiro momento somente por religiosas francesas e, posteriormente, por religiosas brasileiras, ofereceu diferentes modalidades de ensino. Apesar de começar a ganhar fama e reconhecimento em toda a

região somente em 1893, as pesquisas realizadas ressaltam que

o ensino confessional católico oferecido pela Congregação das Irmãs Dominicanas, em Goiás, abriu caminhos e deixou suas marcas que mostraram a direção para uma educação que contribuiu, decisivamente, para a educação feminina do Estado de Goiás e demais localidades onde se instalaram. O Colégio Sant'Anna, desde sua fundação, merece destaque, por ter se tornado, ao longo dos anos, em um importante espaço para a difusão da educação, e ao educar suas alunas, formar moças dentro dos moldes requisitados pela Igreja e pela família (Camargo, 2014, p. 59-60).

Após 126 anos de funcionamento, o Colégio Sant'Anna fechou suas portas em 2014 em razão das dificuldades econômicas e das adversidades que se acarretaram ao longo dos anos, principalmente, a vertiginosa queda no número de alunos, que causou danos irreversíveis, inviabilizando a continuidade dos trabalhos educacionais da instituição, o que tem afetado inúmeras escolas católicas por todo o país, como mostra o censo educacional de 2018 (Brasil, 2018).

Pelo cerrado e pela Amazônia

O Colégio Sant'Anna foi gérmen de novas fundações educacionais por todo o sertão do cerrado goiano. Do Sant'Anna, partiram missionárias religiosas dominicanas, em 1902, para fundar o Colégio Santa Catarina de Sena em Bela Vista de Goiás, de duração efêmera, pois funcionou até 1911. Nesse mesmo ano, aventuraram-se para as margens do Rio Araguaia, no sul do Pará, partindo do Colégio Sant'Anna. Em 1904, viajaram por longos quase 30 dias do Sant'Anna até Porto Nacional, às margens do rio Tocantins, no antigo norte de Goiás, atual estado do Tocantins, para a abertura do Colégio Sagrado Coração de Jesus, em funcionamento até então. Em 1910, partiram do Sant'Anna em direção a Formosa-GO e ali inauguraram uma escola para meninas, o Colégio São José, que funcionou até 1942, quando foi repassado para outra Congregação religiosa.

Na cidade de Goiás, em parceria com a Diocese, fundaram no ano de 1923, o Lar São José, para cuidarem da “educação moral religiosa, e doméstica de Orphãos pobres” (Paz, 2005, p. 16). Em 1948, a nova capital de Goiás, Goiânia, recebeu as educadoras anastasianas-dominicanas que abriram o Externato São José, que está em pleno funcionamento, expansão e divulgação da filosofia, dos valores e das práticas educativas da Congregação.

Na Amazônia paraense, a Congregação das Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils expandiu suas bases educacionais e, também, de saúde. A presença das religiosas educadoras foi uma grande força para a manutenção do trabalho de catequização e educação iniciada pelos frades dominicanos desde 1897. A atuação do Colégio Santa Rosa de Lima intensificou o contato, o cuidado e defesa dos povos indígenas da região do Araguaia. Além de se dedicar à educação escolar e à evangelização católica, as religiosas anastasianas-dominicanas mantiveram o Ambulatório São Lucas, que posteriormente se consolidou em Hospital e Pronto Socorro ao longo dos anos de 1910-1920 (Congregação das Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils, 2016). Esse serviço de saúde foi preponderante por ocasião da gripe que atingiu a região e matou milhares de ribeirinhos e de indígenas Kayapó no ano de 1923 (Roberto, 1983).

Nessa cidade, assumiram a escola pública estadual e municipal em razão da inexistência de pessoas preparadas para a função, conforme relatou Audrin (2007). Permaneceram em Conceição do Araguaia por mais de setenta anos e irradiaram por toda a região uma filosofia educacional acolhedora, integral e libertadora. O acervo sobre o Colégio Santa Rosa de Lima e a atuação das religiosas anastasianas-dominicanas na região da Amazônia paraense que está presente e conservado nos arquivos da Congregação de Nossa Senhora do Rosário de Monteils no Brasil é valioso para a pesquisa.

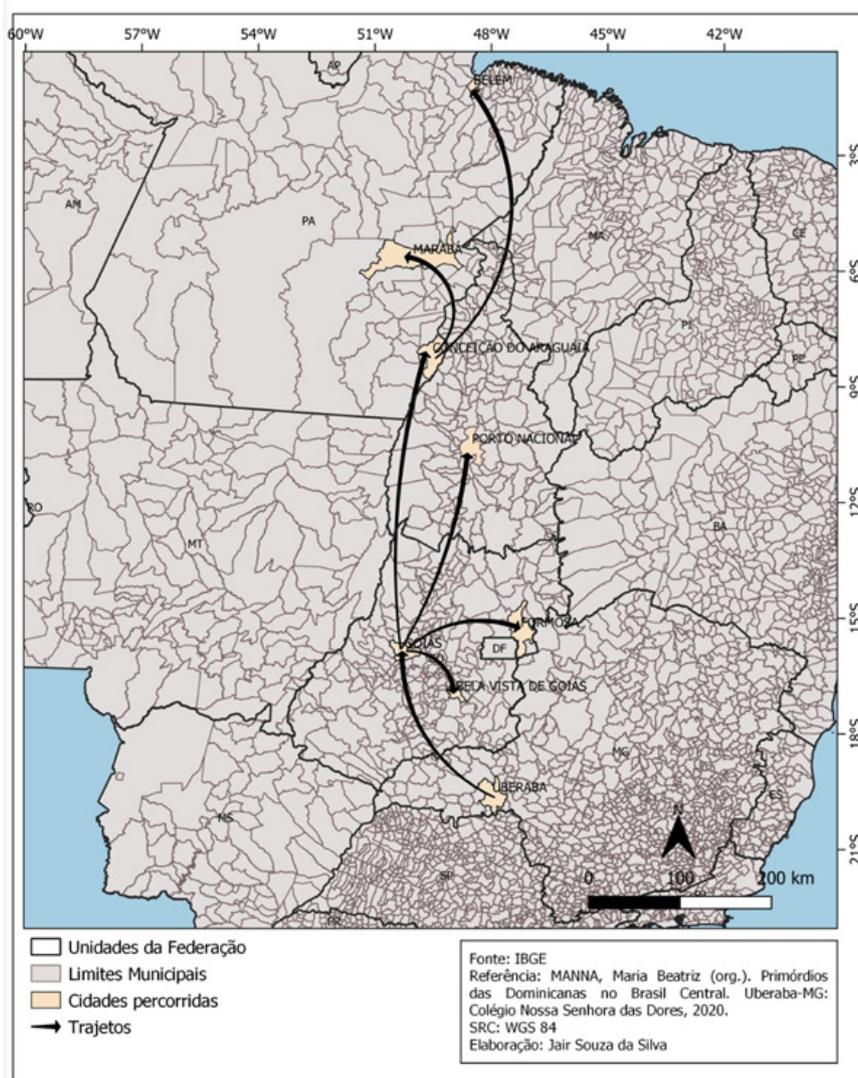
No ano de 1949, a Congregação fundou o Colégio Santa Teresinha na cidade de Marabá, estado do Pará, cidade que pertencia à circunscrição eclesiástica de Conceição do Araguaia. Como os demais colégios da Congregação, a existência e funcionamento desta instituição escolar

anastasiona-dominicana foi fecunda: educação escolar, educação não-formal, clube de mães, assistência às famílias carentes, defesa dos direitos essenciais da população, visita às famílias e aos doentes, atividades paroquiais, catequese, celebrações, cursos bíblicos, formação política das pessoas da comunidade, enfim, uma série de atividades que foram valiosas à comunidade marabaense e que criou vínculos entre as educadoras e a sociedade (Província Nossa Senhora de Guadalupe, 1995). O Colégio Santa Teresinha funcionou em Marabá até o ano de 1999.

Em 1952, um grupo de religiosas anastasionas-dominicanas instalaram-se na capital do estado do Pará e inauguraram no dia 02 de março do mesmo ano, “às proximidades da Travessa Mundurucus, o Colégio Santa Maria de Belém” (Beltrão, 2016). Durante sua pouca existência, o Colégio Santa Maria de Belém funcionou como internato e externato atendendo a juventude da capital e do interior do estado (Província Nossa Senhora de Guadalupe, 1995).

Apesar de chegar a um número significativo de alunos em pouco tempo, em virtude do dinamismo e da proposta educacional das religiosas educadoras – registram-se quase 400 matrículas em 1956 – e do empreendimento da construção de um prédio próprio com dois blocos de três andares, as anastasionas-dominicanas, no final da década de 1970, “venderam o Colégio Santa Maria de Belém a uma equipe de educadores leigos [...]” (Lopes, 1986, p. 163).

Figura 1. Instituições escolares anastasionas-dominicanas nas regiões do Cerrado e da Amazônia



Fonte: IBGE (2021).

A expansão da educação anastasiona-dominicana pelo Brasil

O processo de expansão das instituições escolares anastasionas-dominicanas no Brasil ganhou maiores proporções a partir da década de 1920. Do interior do Brasil, especificamente dos sertões de Goiás e da Amazônia paraense, as religiosas educadoras ampliaram sua rede de atuação e espalharam sua filosofia educacional para outras partes do país.

O Colégio Nossa Senhora das Dores de Uberaba funcionava como centro de toda a missão evangelizadora e educacional da Congregação de Monteils no Brasil. Era como

[...] o polo sustentador e mantenedor do internamento em que se achavam confinadas, onde viviam e se doavam. De Uberaba partiam, da parte de Monteils e do colégio, toda atenção e preocupações com a saúde das irmãs, os trabalhos desenvolvidos em Goiás, Porto Nacional, Formosa, Conceição do Araguaia. Em compensação, era do norte que provinha boa parte das vocações, enchendo o Colégio de juventude e encantamentos “nortistas”, onde, desde 22 de agosto de 1903, funcionava o noviciado da Congregação no Brasil. A Missão ao norte para sobreviver, dependia, pois do sul, o “sul maravilha” da geografia do sertanejo nortista, que se resumia, para eles toda a extensão geográfica abaixo da cidade de Goiás (Coleção Memória Dominicana, 2008, p. 888).

O contexto brasileiro, pós-primeira guerra mundial, passou por transformações. Novos critérios, um novo tipo de sociedade, novas ideias e um surto de desenvolvimento científico e tecnológico soprou sobre a sociedade brasileira. O êxodo rural, o crescimento e urbanização das cidades, a disseminação do cinema e do rádio, a crescente industrialização e número de operários a partir da década de 1920, ao mesmo tempo impulsionou e provocou crises socioeconômicas no Brasil, especialmente na região sudeste (Monteiro, 1990; Mendonça, 1990).

Politicamente, uma crise de hegemonia política, desdobrada em dois momentos, assolou o Brasil: o primeiro “abarcando os anos 20, teve como sentido último a contestação à preponderância da burguesia cafeeira, culminando com a conhecida “revolução” de 30” e o segundo “estendeu-se pelo período de 1930 a 1937, assinalando como aponta Aureliano, uma crise de hegemonia em sentido estrito, na medida em que nenhuma classe ou fração de classe lograra o controle incontestado do aparelho de Estado” (Mendonça, 1990, p. 319).

No campo eclesiástico católico, a Igreja estava em franco desenvolvimento, preocupada em garantir territórios eclesiásticos, novas frentes de evangelização e aberturas para as questões humanas contemporâneas. Criação de inúmeras dioceses e prelazias, processo de paroquialização, abertura de seminários e melhor formação do clero, incentivo aos movimentos leigos de cunho romanizador, fomento à pastoral das cidades em crescimento, incentivo ao laicato feminino, as obras de assistencialismo e ao catolicismo militante compunham a nova realidade eclesial e os novos caminhos de apostolado ainda pautados no ensino do catecismo e na fundação de escolas católicas (Vieira, 2016).

Assim, a Congregação das Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils passou a vislumbrar um processo de desinteriorização. Para as educadoras anastasionas-dominicanas, abrir comunidades e escolas na região Sudeste e Sul do Brasil não era questão prioritária de apostolado, mas de sobrevivência da Congregação. Apesar dos colégios no sertão goiano e em Conceição do Araguaia renderem inúmeras vocações, era preciso atrair vocações religiosas mais escolarizadas, “capacitadas intelectualmente e menos onerosas na formação” orientando-se para uma “camada de sociedade brasileira intelectualizada” (Coleção Memória Dominicana, 2008, p. 883), especialmente do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Nesse cenário, Madre Maria Boaventura, Priora Geral da Congregação, em sua terceira visita às comunidades de Monteils no Brasil no ano de 1925, decidida do processo de expansão do carisma e da filosofia anastasiona para os grandes centros, incentivada pelos frades de Toulouse no Brasil que estavam decidindo-se pelo mesmo caminho e acolhida pelo Cardeal do Rio de Janeiro, Dom Arcoverde e seu bispo auxiliar, Dom Leme, lançou as bases de uma comunidade *ad*

experimentum na capital federal (Lopes, 1986).

Em 17 de fevereiro de 1926 chegaram ao Rio de Janeiro as primeiras religiosas anastasianas-dominicanas para trabalhar nas obras assistenciais da Arquidiocese, às quais se dedicaram até 1935, quando alugaram uma casa no Bairro do Botafogo e abriram um ateliê de corte e costura para as jovens da localidade. Desse trabalho e o contato com as pessoas da região, nasceu, no dia 1º de agosto de 1935, o Jardim de Infância Santa Rosa de Lima, com uma única criança matriculada. No ano seguinte, as matrículas chegaram ao número de 30 e, logo foi preciso expandir o espaço improvisado para uma escolinha. “Em maio de 1936, Madre Alexandra, a Superiora Geral, consentiu a compra de uma nova casa, maior, com jardim amplo para acolher o número crescente de alunos, à Rua Voluntários da Pátria, 110 [...]” (Manna, 2020, p. 165).

O Colégio Santa Rosa de Lima expressou a presença da educação anastasiana-dominicana que se consolidou no Rio de Janeiro ao longo de oitenta anos como uma escola tradicional carioca, acolhedora tanto dos filhos e filhas de integrantes da alta sociedade do Rio de Janeiro, bem como para meninos e meninas do Morro Santa Marta de Botafogo (Manna, 2020). Encerrou suas atividades no ano de 2016 em razão da crise econômica que assolou inúmeras instituições de ensino particular. O fechamento do Colégio Santa Rosa de Lima foi reportagem de vários noticiários, jornais e telejornais à época em razão da crise que abalou diversas outras instituições educativas confessionais no Rio de Janeiro e em outras cidades pelo Brasil.

No espírito educacional missionário de Madre Maria Boaventura, em 1926, as Dominicanas de Monteils voltaram os olhares para o interior de Minas Gerais e da Diocese de Uberaba. A pedido de Dom Antônio Lustosa, algumas religiosas da Congregação se instalaram na cidade de Araxá para cuidar da Santa Casa de Misericórdia daquele lugar. Destaca-se que, as Dominicanas de Monteils sempre tiveram como base de seu carisma a educação e o cuidado com os doentes. Após dois anos, um outro grupo de religiosas educadoras foi destacado para a cidade com uma nova missão: a fundação do Colégio São Domingos em março de 1928 com os cursos primário e secundário e com mais ou menos 50 alunas (Lopes, 1986).

A proposta de educação anastasiana-dominicana desenvolvida pelo Colégio São Domingos de Araxá, ao longo de mais de noventa anos, revela o carisma de uma pedagogia pautada no cuidado, na acolhida, na formação eclética e integral, na ação social responsável que revela inspirações marcantes na trajetória de uma proposta educativa que busca manter um carisma aceso em 1850 (Congregação das Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils, 2016).

O eixo principal das escolas anastasianas-dominicanas no Brasil não é mais o sertão goiano. O planejamento de expansão para outros centros encontrou apoio. Uberaba havia se tornado uma próspera cidade, Araxá destacava-se com suas águas minerais, e a estrada de ferro Belo Horizonte-Uberaba fazia nela uma estação, e o Rio de Janeiro era a capital federal. O sentido missionário e educacional deixou o eixo ‘grandes sertões e veredas’, sem descaracterizá-lo, e buscou outra dimensão, o eixo de uma inserção nas metrópoles. De fato, “as irmãs dominicanas são testemunho de uma consciência missionária sempre desperta e que se traduz numa ação apostólica multiforme e diferenciada, conforme a evolução dos tempos, as opções e o chamado da Igreja” (Coleção Memória Dominicana, 2008, p. 891).

Apesar de manter os colégios e comunidades do norte como pupilas dos olhos da congregação, o eixo Uberaba-Goiás deslocou-se para o eixo Uberaba-Rio de Janeiro. O Sudeste e Sul do Brasil abria caminhos novos para a congregação expandir suas instituições e filosofia educacionais em razão dos novos apelos gerados pela urbanização e metropolização da região. O investimento no eixo sul-sudeste permitiria a manutenção das instituições escolares sertanejas nortistas da missão anastasiana-dominicana. Assim, a partir da década de 1940, a Congregação das Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils cresceu incontestavelmente (Moutinho; Jouglá; Padin, 2004) e inúmeras foram as fundações que se seguiram.

No ano de 1941, imbuídas do espírito missionário de expansão de suas instituições de ensino, as primeiras religiosas da Congregação de Anastasie chegaram em São Paulo, adquiriram um casarão na Vila Mariana, à altura do nº 2 da rua Altino Arantes, e ali iniciaram, em fevereiro de 1943, o curso Nossa Senhora do Rosário, com 15 alunas (Lopes, 1986). Aos poucos, tornou-se o Colégio Nossa Senhora do Rosário. Ganhou prédio próprio em 1957, capela moderna, cursos diferenciados, como o Normal e turmas mistas. Não demorou para que o número de alunos chegasse à casa das

1140 matrículas, em 1961 (Congregação das Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils, 2016).

Em pleno funcionamento, o Colégio Nossa Senhora do Rosário destaca-se entre as inúmeras instituições escolares da Vila Mariana, uma das regiões mais desenvolvidas da capital paulista. Desde seus primórdios, o Colégio Rosário como é conhecido, a partir dos pressupostos da filosofia educacional anastasiana-dominicana, contribuiu para a escolarização da elite da classe média paulista (Almeida; Nogueira, 2002) e mantém ações sociorreligiosas que motivam a prática altruísta de seu corpo docente e discente (Congregação das Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils, 2016).

A década de 1940 marcou a consolidação da instituição mãe da educação anastasiana-dominicana no Brasil, o Colégio Nossa Senhora das Dores em Uberaba. No espírito da “Pedagogia do Cuidado” (Antunes; Garraoux, 2014), imbuídas da filosofia anastasiana, “preocupadas com a disseminação da doutrina espírita na cidade, principalmente devido à debandada de algumas crianças assistidas por elas para outras obras patrocinadas por seguidores dessa religião” (Souza, 2018, p. 269) e com intuito de atender “[...] uma certa quantidade de crianças pobres ou abandonadas a título de órfãos. Diante disso, sentimos a necessidade de estabelecer uma separação completa entre elas e os alunos do internato [...]” (Souza, 2018, p. 270). Dessa forma, as freiras educadoras, com o incentivo do bispo diocesano Dom Eduardo Duarte da Silva, fundaram em 1920, o Orfanato Santo Eduardo e por 22 anos atenderam 130 meninas órfãs.

Em 1948, a Pedagogia do Cuidado (Villa, 2008) manifestou-se na fundação de duas instituições educativas e de extensão do carisma anastasio em Uberaba: a primeira foi a Escola de Enfermagem Frei Eugênio que ofertou

curso de Graduação: de 1948 a 1966 - formou 16 turmas de enfermeiras - num total de 100 (cem) concluintes. Curso de Auxiliar de Enfermagem: de 1955 a 1970 formou 14 turmas de Auxiliares de Enfermagem - num total de 157 concluintes. Curso Técnico de Enfermagem: de 1970 a 1980 formou 9 turmas de Técnicos de Enfermagem - num total de 171 concluintes (Lopes, 1986, p. 168-169).

A segunda foi o Externato São José, “fruto do trabalho missionário das Irmãs, oferecia gratuidade para as crianças empobrecidas e filhos dos funcionários do Colégio Nossa Senhora das Dores” (Manna, 2020, p. 208) que funcionou até o ano de 1983. Apesar de oferecerem qualidade acadêmica e a mesma formação humanística da educação anastasiana-dominicana “[...] existiam duas escolas diferentes, com classes sociais opostas” (Manna, 2020, p. 208) o que contribuiu para a construção das desigualdades sociais e educativas (Almeida; Nogueira, 2020) que tanto ferem a educação brasileira em sua trajetória histórica.

Entre tantas histórias e memórias da missão de educar evangelizando e ministrando um ensino libertador à luz dos valores evangélicos, no espírito de São Domingos e da prática educativa de Madre Anastasie, o estado de Goiás volta a constituir-se uma terra fértil para a educação anastasiana-dominicana. Em 1933, erigiu-se a nova capital sertaneja do cerrado brasileiro, a cidade de Goiânia, “como ponto de partida de um novo período na história [...] de Goiás” (Palacin, 1979, p. 92). No entanto, a educação anastasiana-dominicana chegou à recém-inaugurada capital em 1948 e, no dia 07 de janeiro, vindas de Uberaba e de Goiás, fundaram em Goiânia o Externato São José, com turmas mistas (Melo, 2013).

Até então, a educação anastasiana-dominicana estava envolvida na fundação de colégios para a educação dos filhos das elites e voltada para uma educação feminina de acordo com as propostas ultramontanas e romanizadoras da Igreja Católica. No contexto do final da década de 1940, as educadoras religiosas souberam adaptar-se às exigências do tempo e do espaço. Prestaram atenção ao que era real, ao que estava presente, às questões em disputa, aos desafios que a nova realidade acenava, mas sem esquecer-se dos princípios e das finalidades de sua identidade e de sua proposta educativa desde sempre: valorizar o indivíduo e enxergar o potencial de cada um (Kelly; Saunders, 2015, p. 114).

De fato, a Congregação das Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils

foi pioneira da educação confessional católica no estado de Goiás. A educação anastasiona-dominicana foi a primeira a instalar-se em pleno sertão do cerrado brasileiro. Num tempo em que as distâncias, as dificuldades e o isolamento marcavam o cotidiano da população goiana e que o Estado não conseguia a contento oferecer ou estruturar o ensino, os colégios, escolas e institutos dessa Congregação ganharam destaque no campo educacional (Lopes, 1986; Santos, 1996; Oliveira, 2010; Dourado, 2010).

Do cerrado para o sul. O plano de expansão continuou e chegou a Cambará do Sul-RS, no dia 18 de fevereiro de 1954 (Lopes, 1986). No dia 15 de março daquele ano iniciavam as aulas com 115 alunas. Oficialmente fora chamado de Curso Imaculada Conceição e passou por denominações sucessivas de Ginásio em 1959 e, finalmente, Escola em 1979. Durante 26 anos, a educação anastasiona-dominicana esteve presente em Cambará do Sul com a direção e coordenação da Escola Imaculada Conceição sob a responsabilidade das religiosas. Em 1981, encerram as atividades educativas, mas permaneceram na cidade, envolvidas com o trabalho pastoral (Coleção Memória Dominicana, 2008).

De Cambará do Sul, as seguidoras de Anastasie assumiram em 1955, na mesma Diocese de Caxias do Sul e a pedido do bispo local, Dom Benedito Zorzi, o trabalho no hospital Nossa Senhora dos Navegantes e no Ginásio São Domingos, na cidade de Torres, litoral gaúcho. Como enfermeiras, cuidaram do hospital até 1968, mas como educadoras contribuíram com a história da educação de Torres. O Ginásio São Domingos havia sido edificado em 1954 por líderes da cidade com o incentivo da Igreja, no entanto, sem recursos humanos capacitados para levar em frente a instituição escolar, a situação de precariedade instalou-se. A chegada das irmãs logo transformou a realidade e três anos depois, em 09 de março de 1958, o novo e oficial prédio do Ginásio São Domingos foi inaugurado (Província Nossa Senhora do Rosário, 1995).

Em Torres, a educação anastasiona-dominicana foi frutífera. Dos diversos cursos e níveis de ensino ofertados destacou-se o Curso Normal entre os anos de 1962 e 1982 que “diplomou 19 turmas, num total de 485 professores” (Província Nossa Senhora do Rosário, 1995, p. 66) contribuindo para efetivação da educação primária no interior do Rio Grande do Sul. De Ginásio passou a chamar-se Centro Educacional São Domingos e, até o ano de 2005, esteve sob a direção e orientação da proposta pedagógica da Congregação de Monteils, quando as Irmãs Dominicanas, após um tempo de transição, passaram a instituição para outra congregação religiosa, das Irmãs Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus.

Entretanto, a missão evangelizadora e o apostolado educacional das anastasionas também cresceram pelo interior do Brasil. No ano de 1956, a Congregação foi convidada a abrir um instituto educacional em Volta Grande, interior de Minas Gerais. Durante 25 anos, funcionou nesta cidade o Instituto Nossa Senhora do Rosário que, pelos escassos documentos existentes e que foram analisados, parece ter contribuído na formação da infância e da juventude da cidade e região a partir das finalidades educativas da Congregação (Província Nossa Senhora de Guadalupe, 1995).

Os grandes centros estão na rota expansiva do semear educacional anastasiono. Nos anos de 1957 e 1959, a Congregação alcançou duas importantes capitais: Curitiba, no Paraná e a nascente nova capital federal, Brasília.

Em Curitiba, no dia 1º de agosto de 1957, “iniciaram os trabalhos educacionais em uma pequena casa de madeira, que recebeu o nome de Instituto Nossa Senhora do Rosário e atendia as séries iniciais do primário” (Congregação das Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils, 2016, p. 67). Ao longo de mais de 60 anos de funcionamento, o Colégio Nossa Senhora do Rosário de Curitiba

sempre contou com o espírito empreendedor das Irmãs Dominicanas e com a busca pela excelência educacional. Por isso o Colégio não pode ser mensurado apenas em sua estrutura, mas principalmente pelas pessoas que nele trabalham e estudam. Esse é o segredo do Rosário: valorizar cada pessoa que fez e faz parte dessa história e sempre olhar para frente. Inovando constantemente, a fim de promover seres humanos melhores (Congregação das Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils, 2016, p. 69).

No Planalto Central, as irmãs anastasianas-dominicanas instalaram-se junto com a nova capital federal. Foram incentivadas pelo próprio presidente Juscelino Kubitschek e iniciaram “modestamente num barraco simples que abrigou as primeiras dominicanas: Madre Bernardete, Solange, Inês e Maria do Divino Coração, que principiaram um dos mais importantes centros de ensino da capital federal, o Centro Educacional N^a S^a do Rosário” (Coleção Memória Dominicana, 2008, p. 899).

O Colégio Rosário, como era popularmente e carinhosamente conhecido, educou gerações em Brasília ao longo dos anos de 1960 e 2015. Filhos de ministros, senadores, deputados e de funcionários públicos de alto escalão estudaram na instituição que serviu, à maneira anastasiana-dominicana de ser, a escolarização da elite, que buscava um ensino inovador, progressista e de formação humanista-cristã (Almeida, 2020). Em 2016, o Colégio Rosário fechou suas portas, alocando seu prédio para outra rede de educação básica. A Congregação permaneceu em Brasília onde mantém a sede da província anexa ao prédio do antigo Rosário.

Entre a fundação de Curitiba e de Brasília, a educação anastasiana-dominicana chegou à Arraias, sertão do antigo norte de Goiás, atualmente estado do Tocantins e, em 1958 foi inaugurado o Instituto Nossa Senhora de Lourdes, que funcionou na cidade até o ano de 1982. Por quase 25 anos, essa instituição escolar cooperou na formação da infância, da adolescência e da juventude arraiana e da região. Do Curso Normal Regional à implantação do ginásio e da escola secundária, o Instituto Nossa Senhora de Lourdes, por meio de sua cultura escolar, disseminou a filosofia educacional anastasiana-dominicana que marcou gerações (Costa, 2004).

As fontes encontradas, catalogadas e analisadas nesta pesquisa revelaram que, com o estabelecimento do Colégio Rosário de Brasília, findou a fase das fundações das instituições escolares da congregação das Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils no Brasil. Somente em 1985, a Congregação fundou em Ribeirão Preto, interior de São Paulo, a creche Maria de Nazaré e, em Frutal, Minas Gerais, a Creche Mãe da Esperança, dedicadas à educação infantil. Em Uberaba, fundaram o Centro de Educação Infantil Marta Carneiro, em 1986.

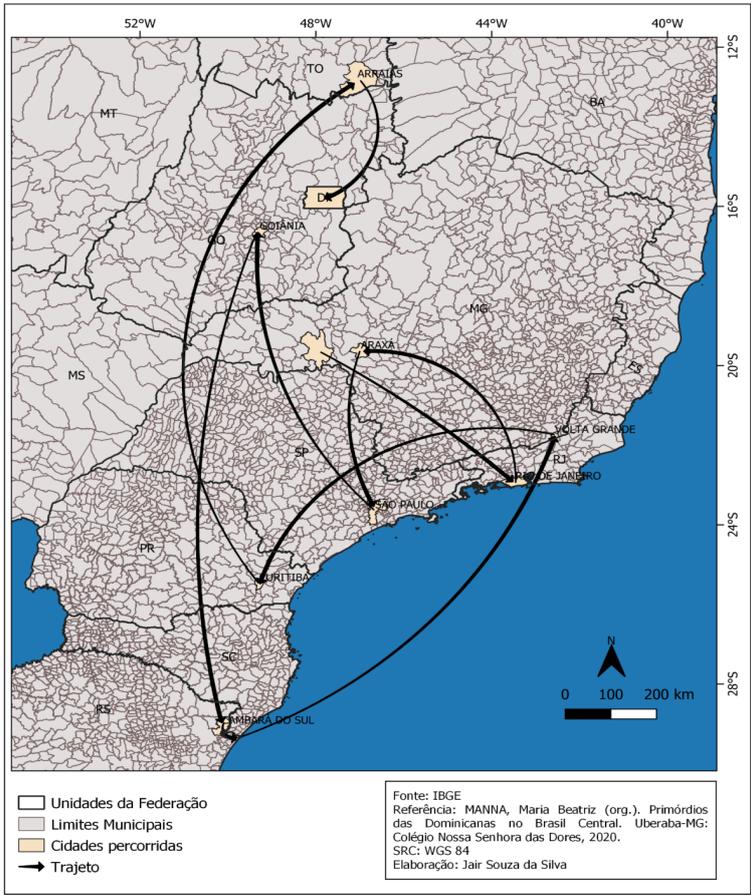
Na cartografia dessas instituições educativas, evidencia-se o pioneirismo da educação anastasiana-dominicana no triângulo mineiro manifestada, também, no ensino superior confessional da região, quando em 1949, numa parceria com o bispo diocesano de Uberaba, Dom Alexandre Gonçalves do Amaral e com os Irmãos Maristas, a Congregação fundou a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino (FISTA).

A Instituição de Ensino Superior funcionou até o ano de 1980, quando foi absorvida “pela Universidade de Uberaba, sem que os alunos tivessem clareza das razões econômicas e políticas desse acontecimento” (Santos, 2006, p. 14). A FISTA foi

[...] um marco referencial na história da educação brasileira. Sua gênese e consolidação como centro de irradiação da cultura foi fundamentada na ética cristã. As concepções de homem, de sociedade, de mundo e de educação eram evidenciadas na ação evangelizadora e no currículo em que o estudo reflexivo e a prática já se colocavam como princípios fundamentais (Manna, 2020, p. 223).

O esboço da cartografia das instituições escolares anastasianas-dominicanas integra e caracteriza o campo educacional da Congregação das Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils no país.

Figura 2. Expansão das instituições escolares anastasianas-dominicanas pelo Brasil



Fonte: IBGE (2021).

Considerações finais

De fato, “[...] as instituições educacionais foram e continuam sendo o centro da proposta educacional brasileira, em todos os níveis, daí a importância do seu estudo” (Gonçalves Neto; Miguel; Ferreira Neto, 2011, p. 14). Por isso, este artigo buscou cartografar a trajetória das instituições escolares anastasianas-dominicanas pelo Brasil.

Como tantas outras congregações católicas, a Congregação das Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils deixou seu contributo para a História da Educação brasileira, de maneira especial, em um período em que o Estado não conseguia realizar seu papel em atender, satisfatoriamente, a demanda em oferecer ensino em todas as localidades. Apesar de dedicarem-se, em grande parte, à formação de elites regionais por onde se instalavam, a prática da caridade - que hoje é chamada de filantropia -, expressa em acolher e possibilitar aos estudantes carentes a formação escolar, acompanhou a existência dessas instituições.

No entanto, apesar dos tempos áureos e de expansão progressiva para várias localidades, momentos de crises levaram muitas escolas anastasianas-dominicanas cerrar as portas e dispensar estudantes do percurso formativo proposto pela filosofia educacional da Congregação de Madre Anastasie.

Numa análise não pormenorizada, e que em outro momento poderá ser aprofundada, as crises que fizeram encerrar as atividades educacionais de muitas instituições anastasianas-dominicanas não foram somente econômicas-financeiras. Crise de vocações e de recursos humanos próprios da Congregação, crise de gestão e de aprimoramento e crise de paradigmas impediram a continuidade do funcionamento de algumas escolas.

Este artigo não é um ponto final. Inúmeras análises ainda podem ser realizadas. A partir dele

muitas outras pesquisas podem ser desenvolvidas. São poucos os trabalhos sobre esta temática, tendo em vista o alcance da educação anastasioniana-dominicana no Brasil ao longo do século XX.

Referências

ALMEIDA, Ana Maria F.; NOGUEIRA, Maria Alice. **A escolarização da elite: um panorama internacional da pesquisa**. Petrópolis: Vozes, 2002.

ANTUNES, Celso; GARROUX, Dagmar. **Pedagogia do Cuidado**. Petrópolis: Vozes, 2014.

AQUINO, Mauricio de. **A Modernidade republicana e diocesanização do catolicismo no Brasil: a construção do bispado de Botucatu no sertão paulista (1890-1923)**. Tese (Doutorado em História). UNESP: Assis, 2012.

AZZI, Riolando; BEOZZO, José Oscar. (Orgs.). **Os religiosos no Brasil: enfoques históricos**. São Paulo: Paulinas, 1996.

MCGINN, Bernard. **A colheita da mística na Alemanha Medieval (1300-1500)**. São Paulo: Paulus, 2022.

BRASIL. INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Censo da Educação Superior: Sinopse Estatística – 2018. Disponível em: <http://www.inep.gov.br/superior/censosuperior/sinopse/default.asp>. Acesso em: 10 jan. 2020.

BRETAS, Genesco F. **História da Instrução Pública em Goiás**. Goiânia: CEGRAF/UFG, 1991.

CAMARGO, Kenia Guimarães Furquim. **Educação católica e presença dominicana em Goiás (GO): a cultura escolar do colégio Sant'Anna (1940-1960)**. 2014. Dissertação (mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba. Paranaíba, MS: UEMS, 2014.

CARDOSO, Maurício Estevam. Por uma história cultural da Educação: possibilidades de abordagens. **Cadernos de História da Educação**, v. 10, n. 2, jul./dez. 2011.

CHARTIER, Roger. **História cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

COLEÇÃO MEMÓRIA DOMINICANA, nº 124, p. 858-869, Juiz de Fora-MG, jan. 2008.

COLEÇÃO MEMÓRIA DOMINICANA, nº 125, p. 870-881, Juiz de Fora-MG, fev. 2008.

COLEÇÃO MEMÓRIA DOMINICANA, nº 126, p. 882-893, Juiz de Fora-MG, mar. 2008.

CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS DOMINICANAS DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE MONTEILS. **Família Dominicana: 800 anos tecendo história**. São Paulo: Associação Educadora da Infância e Juventude, 2016.

COSTA, Magda Suely Pereira. **Educação e cultura de Arraias**. Secretaria de comunicação. Palmas, 2004.

DOURADO, Benvinda Barros. **Educação no Tocantins: Ginásio Estadual de Porto Nacional**. 2010. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. volume 1: uma história dos costumes. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

FONSECA, Thais Nivia de Lima. História da educação e história cultural. In: VEIGA, Cyntia G.; FONSECA, Thais Nivia de L. (Orgs.). **História e historiografia da educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

FORALOSSO, Mariano. Presença dominicana no Brasil. In: Palomares, Jesús María *et al.* (org.) **La vida conventual y misionera, siglos XIII-XIX**. Bogotá: Universidad Santo Tomás, 2018.

GARCIA, Martina Maria Eudósia González. **Recomposição da vida religiosa**: estudo das relações entre indivíduo e comunidade em congregações femininas. 2006. Tese (Doutorado em Ciências da Religião). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.

GATTI JÚNIOR, Décio. História das Instituições Educativas: um novo olhar historiográfico. **Revista Cadernos de História da Educação**, Uberlândia: UFU, v. 1, n. 1, 2002. p. 73-76.

GONÇALVES NETO, Wenceslau.; MIGUEL, Maria Elizabeth Blanck; FERREIRA NETO, Amarílio (Orgs.). **Práticas escolares e processos educativos**: currículo, disciplinas e instituições escolares (séculos XIX e XX). Vitória: EDUFES, 2011.

KELLY, Gabriely; SAUNDERS, Kevin. **Valores da educação dominicana**: para o uso inteligente da liberdade. Tradução Sonia Midori Yamamoto. São Paulo: Loyola; Editora UNESP, 2015.

LEONARDI, Paula. **Além dos espelhos**: memórias, imagens e trabalhos de duas congregações católicas. São Paulo: Paulinas, 2010.

LEONARDI, Paula; BITTENCOURT, Águeda Bernardete. De documento religioso a fonte histórica. As atas do I Concílio Plenário da América Latina. **Educação e Filosofia**, v. 30, n.59, 135-158, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/REVEDFIL.issn.0102-6801.v30n59a2016-p135a158>. Acesso em: 03 mar. 2021.

LOPES, Maria Antonieta Borges e BICHUTTE, Monica M. Teixeira Vale (Org.). **Dominicanas**: cem anos de missão no Brasil. Uberaba: Vitória, 1986.

MANNA, Maria Beatriz (Org.). **Primórdios das Dominicanas no Brasil Central**. Uberaba: Colégio Nossa Senhora das Dores, 2020.

MELO. Geovana Ferreira de. **Por trás dos muros escolares**: luzes e sombras na educação feminina. Colégio Nossa Senhora das Dores – Uberaba (1940-1966). 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2002.

MENDONÇA, Sonia Regina de. **Estado e Economia no Brasil**: opções de desenvolvimento. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

MONTEIRO, Hamilton de Mattos. O Aprofundamento do Regionalismo e a Crise do Modelo Liberal. In: LINHARES, Maria Yedda (org). **História Geral do Brasil**. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

OLIVEIRA, Maria de Fátima. **Entre o sertão e o litoral**: cultura e cotidiano em Porto Nacional 1880/1910. Anápolis: Universidade Estadual de Goiás, 2010.

PAZ, Maricélia Alves. **A prática pedagógica e religiosa do Lar São José na cidade de Goiás**. 2005. Dissertação (Mestrado em Ciências da religião). Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jathaí. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PROVÍNCIA NOSSA SENHORA DE GUADALUPE. **Jubileu 1970-1995**. Goiânia: Gráfica e Editora Vieira, 1995.

PROVÍNCIA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO. **Jubileu de Prata: 1970-1995**. São Paulo: Dominicanas de Monteils, 1995.

ROBERTO, Maria de Fátima. **Salvemos nossos índios: uma interpretação da atuação evangelizadora da Ordem Dominicana francesa entre índios do Brasil na passagem do século XIX para o século XX**.1983. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Campinas: UNICAMP, 1983.

SANTOS, Edivaldo Antonio. **Os Dominicanos em Goiás e Tocantins (1881- 1930): Fundação e Consolidação da Missão Dominicana no Brasil**. Dissertação (Mestrado em História). Goiânia: UFG, 1996.

SANTOS, Maria de Lourdes Leal dos. **Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino: um marco humanista na história da educação brasileira (1960-1980)**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG, 2006.

SOUZA, Marilsa Aparecida Alberto Assis. **O orfanato Santo Eduardo e a assistência às crianças pobres em Uberaba – MG (1920 – 1964)**. 2018. Tese (Doutorado em Educação) Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2018.

VIEIRA, Dilermano Ramos. **História do Catolicismo no Brasil, (1889-1945): volume II**. Aparecida: Santuário, 2016.

VILLA, Eliana Aparecida. **Pedagogia do Cuidado: a relação de saberes e valores no trabalho do Programa Saúde da Família**. 2008. Tese (Doutorado em Educação). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.

Recebido em 28 de novembro de 2023
Aceito em 29 de janeiro de 2024